



## PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E LGBTFOBIA NOS GTs DA ANPED<sup>1</sup>

### SCIENTIFIC PRODUCTION ON SEXUAL DIVERSITY AND LGBTFOBIA IN ANPED WGs

Filipe Antonio Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
Allene Carvalho Lage<sup>3</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa, do tipo Estado da Arte, realiza uma investigação das produções sobre as pesquisas que trazem em sua temática o cenário da produção sobre diversidade sexual e LGBTfobia nas escolas apresentadas nos Grupos de Trabalhos (GT) da ANPED. Nossa problematização pretende investigar quais as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo da produção científica sobre diversidade sexual e LGBTfobia nas escolas. Para realizarmos essa coleta, elencamos como objetivo geral estudar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no cenário da produção científica sobre diversidade sexual e LGBTfobia na escola. Usamos como teóricos para embasar nossas análises: Foucault (1999); Borrillo (2010); Prado (2008) entre outros. Nossas conclusões apontam para uma crescente teorização pós-estruturalista de textos e autores/as que utilizam as abordagens de gênero e sexualidade (canônicas e decolonias) para fundamentar pesquisas que buscam o enfrentamento da LGBTfobia nas escolas.

**Palavras-chave:** LGBTfobia. Diversidade Sexual. Escola.

**Abstract:** This research, of the State of the Art type, carries out an investigation of the productions on the researches that bring in their theme the scenario of the production on sexual diversity and LGBTphobia in the schools presented in the Work Groups (GT) of ANPED. Our problematization intends to investigate the theoretical and methodological contributions developed in the field of scientific production on sexual diversity and LGBT phobia in schools. To carry out this collection, we list as a general objective to study the theoretical and methodological contributions developed in the scenario of scientific production on sexual diversity and LGBTphobia at school. We used as theorists to support our analyzes: Foucault (1999); Borrillo (2010); Prado (2008) among others. Our conclusions point to a growing post-structuralist theorization of texts and authors that use gender and sexuality approaches (canonical and decolonies) to support research that seeks to confront LGBTphobia in schools.

**Keywords:** LGBTfobia. Sexual diversity. School.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 15 de agosto de 2020 e aceito em 10 de setembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFPE (Bolsa FACEPE). E-mail: filipe.antonio20@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4192-1925>.

<sup>3</sup> Pós-doutora em Direitos Humanos pelo PPGDH/UFPE (2016). Pós-doutora em Educação na UFRGS (2012). Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra (2006). E-mail: allenelage@yahoo.com.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9936-3033>.

## Introdução

As contribuições das pesquisas sobre diversidade sexual e enfrentamento da LGBTfobia são produções científicas que se inserem no contexto da educação. Temos no Brasil Programas de Pós-graduações que produzem pesquisas com a temática da diversidade e da pluralidade de gênero, desestabilizando e desfazendo ideias metonímicas (SANTOS, 2002). Historicamente, as pesquisas em gênero, sexualidade e educação ganharam contornos globais a partir do protagonismo dos movimentos sociais de identidade, como o movimento Feminista e o movimento LGBT. Ambos possuem a bandeira da intencionalidade pedagógica para confrontar ideais sexistas e LGBTfóbicas, naturalizadas nas sociedades ocidentais.

Como campo teórico, as produções científicas também produzem epistemologias “subversivas” que desestabilizam as concepções científicas de cunho positivista, de governabilidade neoliberal e de base biológica (essencialização do sexo e do gênero), criando outras histórias, outras identidades, de caráter não-linear e credíveis de existência.

Sendo assim, grandes agências de fomento de pesquisas trazem em suas agendas e grupos de trabalhos propostas sobre educação, gênero e sexualidade. Como no caso da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) fundada em 16 de março de 1978, tendo como bandeira pedagógica a universalização e desenvolvimento da educação. Hoje, a ANPED é uma das grandes associações de pesquisa no campo da educação e possuem um GT que é nomeado de Educação, Gênero e Sexualidade.

Segundo Cláudia Ribeiro e Constantina Filha (2013) ao escreverem sobre a trajetória teórico-metodológico do GT 23 durante 10 anos de sua existência (de 2004 até 2013) as autoras nos falam sobre a importância epistemológica, da *práxis* e de políticas públicas de gênero e diversidade sexual desenvolvidas a partir dos textos produzidos no GT 23. Em face de uma nova concepção de educação para a diversidade, os escritos científicos do GT 23 põem em xeque a ausência e a emergência de se pautar nas escolas e nos grupos sociais uma educação voltada para a valorização das diferenças e em busca de uma cultura de respeito:

Nesses 10 anos de existência do GT 23 foram inventadas modalidades de relações, formas de troca entre as pessoas, tanto integrantes do GT quanto em sua relação com a Associação, para potencializar a canção da vida e o calor de irmãos/ãs que traduzimos como as possibilidades da tessitura de outro tecido relacional, navegando entre as capturas, as relações de poder e a força criativa da amizade

(...) Nessa tessitura, nesses 10 anos, quanto conhecimento produzido, apresentado e veiculado nas Reuniões Anuais da Associação. Quanta possibilidade de interferir em processos educativos de formação inicial e continuada de educadores e educadoras a partir dos estudos do material produzido, quantas possibilidades de novas proposições de estudos, provocações, problematizações e desejo de navegarmos por mares revoltos e instáveis do conhecimento. (RIBEIRO; FILHA, 2013, p. 02).

Portanto, analisamos as publicações científicas da ANPED. Tentando problematizar essas questões, nosso artigo pretende investigar quais as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no campo da produção científica sobre diversidade sexual e LGBTfobia nas escolas? Esse questionamento surge a partir de discussões teóricas que surgiram na escrita da dissertação de mestrado em educação contemporânea (PP-GEduc), localizada na UFPE, no Centro Acadêmico do Agreste (campus universitário construído no programa de interiorização de Universidades Federais, implementados na gestão do ex-presidente Lula e da ex-presidenta Dilma Rousseff).

Para realizarmos essa coleta, elencamos como objetivo geral estudar, estudar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no cenário da produção científica sobre diversidade sexual e LGBTfobia na escola, e como objetivos específicos procuramos sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 03 Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos da ANPED nos anos de 2004 a 2017, nas questões referentes a diversidade sexual e LGBTfobia nas escolas, sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 14 Sociologia da Educação da ANPED, nos anos de 2004 a 2017, nas questões referentes a diversidade sexual e LGBTfobia nas escolas e sistematizar as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas no GT 23 Gênero, Sexualidade e Educação da ANPED, nos anos de 2004 a 2017.

## **Referência Teórico**

### **Interfaces da LGBTfobia no cenário escolar**

O ambiente escolar desde o século XVIII, segundo Foucault, foi produzido, planejado e executado para manter os corpos das crianças longe das perguntas, dos interesses e dos desejos sobre sexo e a sua sexualidade. A forma como a escola é planejada, onde há semelhanças com as prisões - onde possuem uma única porta de entrada, buracos nos muros, cadeiras

enfileiradas, vigilância constante, separação por sexo/gênero desde a criação de disciplinas que regularizam e autorizam um único caminho possível para a verdade. Todo o território escolar legitima e silencia o sexo e a sexualidade. Como bem explica Foucault (1999) “basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo” (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Assim como a escola no século XVIII silenciou e estigmatizou o sexo, o mesmo foi alvo da medicina e seus manuais conservadores. Era preciso naquele momento ensinar as crianças e aos jovens que a sexualidade era monstruosa, pecaminosa, digna do “inferno” dos católicos. Foucault complementa que “em todas essas medidas a criança não deveria ser apenas um objeto mudo e inconsciente de cuidados decididos exclusivamente entre adultos; impunha-se-lhe um certo discurso razoável, limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo”. (FOUCAULT, 1999, p. 30). Ao mesmo tempo que as instituições escolares legitimavam o silêncio sobre o sexo, ela investiu em discursos sobre o mesmo.

Segundo César (2013) as novas práticas de governo na escola contemporânea produzem uma pedagogia do controle e cria verdades e patologias sobre o corpo das crianças, dos adolescentes e dos jovens, bem como produz o tipo de desejo, de comportamento e a identidade sexual que deve ser praticada na escola – a heterossexual e qual deve ser exterminada e combatida – a homossexual. Se desde os séculos XVIII e XIX a repressão sobre a sexualidade das crianças e dos jovens era produzida na escola pelo silêncio, controle dos corpos e pelo desejo heterossexual de normalidade, houve também uma explosão de discursividades sobre o sexo que mostram seu potencial subversivo. Como bem problematiza César (2013):

Ora “proibida” e “ameaçada”, como no período da ditadura militar brasileira, ora nomeada nos currículos, a educação do sexo sempre esteve presente nas escolas brasileiras, nas aulas de ciências, biologia, puericultura e planejamento familiar, como demonstram as pesquisas sobre currículos e diretrizes curriculares desde os anos 1950. Mais recentemente, com as aulas de educação sexual, a presença da educação do sexo, em diversas formas e modelos pedagógicos, correspondeu ao *governo* de corpos de crianças e jovens, ora em nome da moral higiênica e eugenista, ora pela ideia do “sexo feliz” (CÉSAR, 2013, p. 274).

Louro (1997) também chama a atenção para o fato de que a escola é um dos aparelhos mais eficazes no controle da sexualidade e dos corpos, na medida em que o corpo escolar e os currículos são percebidos como le-

gitimadores das “posições de sujeito”, em uma determinada cultura. Ainda para esta autora professores/as devem “deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um ‘problema’ e passar a pensa-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais como base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa” (LOURO, 2000, p. 51).

Louro nos fala ainda sobre o processo de escolarização dos corpos e das mentes das crianças, dos adolescentes e jovens na escola e sua forma de fabricar simbolicamente os espaços escolares na qual meninos e meninas devam habitar. A escola legitima quem deve ser enquadrado na norma e quem deve ficar à margem ou na fronteira; quem deve ser cultivado e quem deve ser extinto. O espaço escolar fabrica quais identidades devem ser cultuadas e quais devem ser invisibilizadas:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros, e os sabores “bons” e descentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. (...) Através de múltiplos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes (LOURO, 1997, p. 61-62).

E são esses mecanismos de manutenção da heterossexualidade compulsória que fazem do ambiente escolar um lugar de constante vigilância sobre os corpos de meninos e meninas que subvertem a lógica da classificação social. De fato, se por um lado há na escola um controle de corpos e de uma educação baseada em critérios econômicos, de classe social, sexo/gênero e cor; pelo outro há uma diversidade sexual que não sendo encarada como problema, poderá contribuir para expressar a riqueza humana que nos caracteriza e nos ensina a entender as diferenças numa perspectiva pedagógica.

Numa posição política e urgente de (re)significar as práticas pedagógicas nas escolas, os/as professores/as são desafiados a descobrir outras possibilidades de existência de corpos, (pós)identidades e comportamentos na qual não tiveram contato ou lhes foi negado que existisse. Uma das principais batalhas dos professores/as é (re)significar a linguagem na escola. Como campo cheio de armadilha, a linguagem foi ao longo dos séculos responsável pela legitimação da doutrinação heterossexista amparada e consolidada pela

monocultura do saber (SANTOS, 2006). Como bem destaca Furlani (2013) onde na comunidade escolar “o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc.” (FURLANI, 2013, p. 70).

A começar pela (re)significação da linguagem, a escola tem a função cosmopolita de prover o fim das formas de violência, preconceito e discriminação contra qualquer corpo “excêntrico” na escola. Mesmo sendo desenhada por uma hegemonia de base capitalista, hegemônica, dominante e produtivista; investir na valorização da diferença é um caminho possível, “vivível” e transformador. Como bem problematiza Santos (2016) sobre a importância da escola e sua construção epistemológica em reconhecer a sua importância na emancipação de crianças, adolescentes e jovens no confronto acirrado contra qualquer posição binária que silencie, subalternize e colonize as várias formas de vida no cotidiano escolar:

A escola é território de trocas e disputas culturais, de construção, ressignificação e afirmação de identidades/identificações de gênero e de sexualidade. A escolarização envolve culturas, credos, valores e conhecimentos diversos, que demandam trato respeitoso, que valorize e garanta direitos relativos à aprendizagem, à troca de experiências, ao diálogo horizontalizado no qual todas e todos possam falar e ser escutadas, escutados. A escola é espaço público, espaço de convivência, de sociabilização e de humanização e não de imposição de credos, modelo de gênero, etnia e padrão sexual (SANTOS, 2016, p. 74).

Santos nos alerta como a escola em sua concepção de multiplicidade de saberes é palco de saberes compartilhados e não de mecanismo de repressão, assim como Louro (1997) nos relata também sobre os processos de fabricação das diferenças legitimadas na escola, onde a naturalização sobre os perfis masculinos e femininos são acionados no cotidiano da sala de aula pelos/as professores/as que distanciam os corpos de meninas e meninos e lhes atribuem demandas que são desenhadas e legitimadas pelo seu gênero e pelo seu sexo. Aos meninos permanece brincadeiras onde se tenta provar a masculinidade, bem como a construção de papéis profissionais como médicos, piloto de avião e aventureiros selvagens. Para as meninas permanece os papéis secundários como enfermeiras que receberão ordens dos médicos, aeromoças e donzelas em perigo na selva à espera de um príncipe. Segundo a autora:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas distinções precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui (LOURO, 1997, p. 64).

Mesmo buscando uma prática pedagógica e educativa que valorize as diferenças e promova a diversidade sexual e cultura, se perdura na escola, e com força total, a consolidação da doutrinação heterossexista e sua forma mais violenta – a ideologia LGBTfóbica. A doutrinação heterossexista nas escolas é uma grande ameaça a explosão de perfis identitários e pós-identitários de crianças, adolescentes e jovens que fogem das normalizações impostas pelo cânone normativo da sexualidade heterossexual.

### Metodologia

Como campo teórico, as produções científicas também produzem epistemologias subversivas que desestabilizam as concepções científicas de cunho positivista, de governabilidade neoliberal e de base biológica (essencialização do sexo e do gênero), criando outras fontes, outras histórias, outras identidades, outras experiências de caráter não-linear e credíveis de existência

Nossa análise se deu nos Grupos de Trabalho GT - 03 (Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos), GT - 14 (Sociologia da Educação), e GT - 23 (Gênero, Sexualidade e Educação).

Sendo assim, é proposto analisar se os/as pesquisadores na área de pesquisas em movimentos sociais e da sociologia da educação, mesmo com a criação de um GT específico, iriam trazer trabalhos dentro de outras abordagens e teorizações, para além das teorizações de gênero, da teoria *queer*, dos estudos foucaultianos e da perspectiva pós-estruturalista de análise feitos no GT 23 e também do caráter interdisciplinar desse projeto de pesquisa, em comungar de teorizações da sociologia e das bases teóricas dos movimentos sociais. Já no banco de dados de defesas defendidas do Programa de Pós-graduação *stricto* em Educação Contemporânea do PPGEduc focalizamos as dissertações em educação. Desse modo os GTs

03, 14 e 23 nos anos de 2004 até 2017 (onze anos) da ANPED com os temas de diversidade sexual e LGBTfobia.

Essa pesquisa é caracterizado como natureza documental-bibliográfica. Como bem conceitua Laville e Dionne (1999) a pesquisa do tipo Estado da arte:

Tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar se aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procedem em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 113).

A sistematização focou sobre a quantidade de trabalhos publicados, as abordagens teóricas, os tipos de pesquisa e a metodologia. De forma sistematizada, foram feitos os seguintes procedimentos que construíram o caminho metodológico:

- Leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos GTs (03), (14) e (23) da ANPED e s defesas de mestrado do PPGEduc, nos últimos onze anos, sistematizando os trabalhos referentes ao tema de Diversidade Sexual e LGBTfobia na escola;
- Consulta e seleção dos artigos, apresentados nos GTs (03), (14) e (23) sobre o tema “Diversidade Sexual e LGBTfobia na escola” nos anos de 2004 a 2017, por meio da identificação dessa temática e suas subtemáticas como “diversidade sexual”, “homofobia, lesbofobia”, bifobia” e “transfobia” nos títulos, resumo e/ou palavras-chave;
- Leitura na íntegra dos trabalhos selecionados;
- A nossa investigação também é de cunho quantitativo (pela quantidade de trabalhos) e qualitativo (pela análise feita). Em cada ano da ANPED (2004-2017), foram elencados dados quantitativos sobre os GTs (03), (14) e (23) que nos ofereceram informações para uma análise qualitativa, na perspectiva de Minayo (2008) “Análise e tratamento do material empírico e documental diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com teoria” (MINAYO, 2008, p. 26 e 27).

## Resultado e Discussão dos Dados

A grande dificuldade que encontramos ao localizar todos os trabalhos em seus respectivos GTs (03), (14) e (23) foi a falta da nossa temática nos títulos dos trabalhos, e também, nos anos de 2004 até 2005, os cadernos da ANPED não possuíam resumos ou/e palavras-chave, dificultando a coleta dos artigos. Usamos como ferramenta para encontrar as palavras-chave nos artigos as funções de busca do Word 2010 e do Adobe Acrobat Reader DC 2010, articulando a junção das teclas CTRL+ F, o que possibilitou escrever nos artigos completos as palavras-chave da temática.

Quantitativamente, o GT (03) apresenta os principais dados para nossa pesquisa:

**Tabela 1.** Trabalhos apresentados com o tema de Diversidade Sexual e LGTBfobia na escola no GT 03 nas reuniões da ANPED (2004-2017).

Reunião da ANPED	27ª 2004	28ª 2005	29ª 2006	30ª 2007	31ª 2008	32ª 2009	33ª 2010	34ª 2011	35ª 2012	36ª 2013	37ª 2015	38ª 2017
Trabalhos apresentados	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	2
Pôsteres apresentados	0	0	0	0	0	0	08	0	0	0	0	0
Trabalhos encomendados	0	NI*	0	0	0	0	NI*	0	1	0	0	0
Minicursos	NI*	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Site da ANPED: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

A história do GT 03 nos remete a década de 1980, onde cria-se o GT Educação para o meio rural. A partir do ano de 1993 amplia-se o GT e ele passa a ser denominado Movimentos Sociais e Educação. Abrangendo também suas discussões para as novas demandas dos movimentos sociais ausentes, como os novos movimentos sociais (GOHN, 2000) que lutam por identidade (movimento feminista, movimento LGBT, movimento negro e etc.) juntamente com suas intencionalidades pedagógicas de educação formal e não formais.

Em 2010 houve uma norma formulação, e o GT 03 passa a ser chamado de Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos, consolidando o GT como caminho cosmopolita de conhecimento credível diante dos processos educativos movidos e forjados na luta dos movimentos sociais. Na nossa busca foram poucos trabalhos encontrados, no total de 7, sendo 5 trabalhos completos, 1 minicurso<sup>4</sup> e 1 trabalho

<sup>4</sup> \*NI= Não Informado pelo site da ANPED

O minicurso intitulado “perguntas gerando perguntas em educação sexual” (28ª reunião – ano de 2005) elaborado pelas professoras Érica Renata de Souza – UNICAMP, Elizabete Franco Cruz – UNICAMP, Helena Altmann e Maria Teresa Campos – UNICAMP apenas constam no site da ANPED a ementa do minicurso, sendo assim, não o traremos para a tabela de análise.

encomendado<sup>5</sup>. Sendo assim, o GT 03 abriga em seu site trabalhos que trazem as discussões de diversidade sexual e o enfrentamento da LGB-Tfobia em seus espaços educativos, mesmo que de maneira tímida.

**Quadro I** – Sistematização dos Trabalhos que versam sobre Diversidade Sexual e Enfrentamento da LGBTfobia na Escola no GT 03

Título	Autores/ Universidade	Abordagem Teórica	Participantes da Pesquisa	Tipo de Estudo (Metodologia)	Ano de Publicação
“Você não sabe ainda como eu vim para o MGM?” – Educação e construção de identidades homossexuais no movimento GAY	Anderson Ferrari - UFJF	Pós-estruturalista – Estudos Culturais	GAG – grupo de adolescentes gays de MGM – Movimento Gay de Minas e Projeto SE LIGA, do GGB – Grupo Gay da Bahia	Pesquisa de campo e História de vida	2004
A escola em movimento: feminilidades homossexuais, identidades, pertencimento e exclusão	CAVALEIRO, M. Cristina – C.U Fundação Santo André	Teorias de Gêneros e Pedagogias das Sexualidades	Um grupo de estudantes lésbicas		2006
Juventude: entre a indisciplina e a zoação	NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiróz- UFMG	Sociologia Crítica	Professores/as e Alunos/as	Pesquisa de campo e pesquisa etnográfica	2010
Repercussões da experiência militante em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos	BRENNER, Ana Karina- UERJ	Identidade e Sociologia do conhecimento	21 jovens universitários (com faixa etária de 21 a 29 anos)	Entrevistas biográficas	2012
Ação coletiva e formação política: os coletivos juvenis e a ocupação de uma universidade no sul de minas gerais	GROPPO, Luís Antonio – Unifal-MG	Teoria dos Movimentos Sociais (capacidade de resistência)	Discentes (grevistas) da Universidade do Sul de Minas	Entrevistas semi-estruturadas e pesquisa de campo	2017

Fonte: Site da ANPED: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

De 2004 até 2017, o GT (03) Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos foram apresentados nas reuniões 168 artigos científicos, de diferentes regiões brasileiras, e apenas 5 abordaram a temática de diversidade sexual e LGBTfobia na escola, o que representa cerca de 2,97% das publicações científicas do GT. Com isso podemos destacar que os estudos e pesquisas nessas áreas são insuficientes para o debate urgente da LGTBfobia nos espaços escolares e a valorização da diversidade sexual enquanto experiência credível de existência. Também vale ressaltar que o GT 03 possui produções teóricas importantes para desestabilizar o padrão heteronormativo imposto pela nossa sociedade, uma vez que os movimentos sociais são fronteiras contra o poder hegemônico e dentro dos processos de

<sup>5</sup> O trabalho encomendado “Relação entre Estado e Movimentos Sociais na Produção de Políticas de Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual” (35ª reunião – ano de 2012) de autoria de Cláudia Pereira Vianna (USP) não consta para download na página da ANPED. Sendo assim, não o traremos para a tabela de análise.

inteligibilidade dialogam com os coletivos e movimentos sociais LGBTs, mas, infelizmente, dentro do campo teórico das produções analisadas na ANPED, entretanto, com a criação do GT 23, este concentrou os trabalhos que versam sobre diversidade sexual e enfrentamento da LGBTfobia.

Compartilhando um pouco da história do GT 14 Sociologia da Educação da ANPED, o mesmo surgiu nos anos de 1989 até 1990. Nesses anos ele foi estruturado como grupo de estudo (GE), só em 1990 durante a realização da reunião anual da associação que o GE passa a ser denominado de GT (grupo de trabalho), realizado na capital de Minas Gerais – Belo Horizonte. Segundo o site da ANPED, o GT 14 se dispõe a pensar as relações geracionais, familiares, escolares, as abordagens de gênero, as desigualdades sociais, entre outras demandas sociológicas. E mais, ao longo dos anos tem se fortalecido também de discussões sobre identidade, raça, estudos culturais, religiões não-cristãs e movimentos sociais.

**Tabela 2.** Trabalhos apresentados com o tema de Diversidade Sexual e LGBTfobia na escola no GT 14 nas reuniões da ANPED (2004-2017).

Reunião da ANPED	27ª 2004	28ª 2005	29ª 2006	30ª 2007	31ª 2008	32ª 2009	33ª 2010	34ª 2011	35ª 2012	36ª 2013	37ª 2015	38ª 2017
Trabalhos apresentados	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0
Pôsteres apresentados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Trabalhos encomendados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Minicursos	NI*	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Site de ANPED: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

Destacamos então, as 4 produções encontradas no GT 14 que versam sobre diversidade sexual e LGBTfobia na escola:

**Quadro II** – Sistematização dos Trabalhos que versam sobre Diversidade Sexual e Enfrentamento da LGBTfobia na Escola no GT 14

Título	Autores/ Universidade	Abordagem Teórica	Participantes da Pesquisa	Tipo de Estudo (metodologia)	Ano de Publicação
A educação sexual no cotidiano da escola: entre a visibilidade das formas reais de manifestação das sexualidades e a conformação à heterossexualidade	BRAGA, Denise da Silva- PUCMG	Identidade Cultural, Teorias de Gênero	Professores/as e Alunos/as	Estudo de Caso	2004
Perspectivas de investigação da sala de aula a partir de uma teoria social de gênero	JULIO, Josimeire Meneses – Escola Estadual Remy de Souza Lima, VAZ, Arnaldo – UFMG	Estudos da Masculinidades e Teoria Social de Gênero		Estudo Bibliográfico	2009

Configuração do ofício de aluno: meninos e meninas na escola	PEREIRA, Fábio Hoffmann – FEUSP	Relações de Gênero e a Sociologia da Infância	Uma turma do segundo ano do ensino fundamental de uma escola pública de São Paulo	Aspectos teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância (reprodução interpretativa) e Abordagem Etnográfica	2015
Religião e formação docente: desafios para uma educação mais tolerante	KNOBLAUCH, Adriane – UFPR	Conceitos de Habitus (Pierre Bourdieu) e de habitus híbrido e socialização (Setton), Teorias de Gênero e Sociologia da Religião	Alunas do curso de Pedagogia de uma IFES do sul do Brasil	Método Qualitativo	2015

Fonte: Site da ANPED: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

Segundo João Francisco de Souza (2004), a sociologia da educação tem em sua gênese a importante tarefa de contribuir com os conhecimentos de ação reflexiva e dialógica, que adentram as escolas e como as mesmas reagem a tal transformação:

Se configura como uma análise científico-reflexiva, portanto crítico-dialógica, implicada pedagogicamente, sobre os problemas educativos que demandam soluções de uma determinada sociedade. Os elementos-chave a manejar nessa noção são, portanto, análise científica e reflexiva ou crítico-dialógica, implicação pedagógica dessa análise, problemas socioeducativos escolares e não-escolares (informais e não-formais) a serem resolvidos e as relações (econômico-ideológicas) que conformam uma sociedade determinada num espaço e tempo específicos. Somente uma interrelação bem constituída entre essas diferentes noções será capaz de nos possibilitar uma concepção de Sociologia da Educação (SOUZA, 2004, p. 57-58).

É dentro dessas constelações de conhecimentos compartilhados no GT 14 que nossa busca por trabalhos que contemplassem as questões de diversidade sexual e LGBTfobia na escola nos possibilitou encontrar 4 entre 180 artigos apresentados ao longo de 2004 até 2017, o que representa um total de 2, 22% produções que versam sobre os dilemas sociológicos de implementação de uma cultura de valorização das diversas manifestações sexuais, bem como o confronto direto com ideologias violentas, preconceituosas e discriminatórias.

Dessa forma, podemos destacar que os estudos e pesquisas dentro da sociologia da educação são insuficientes para o debate urgente da LGTBfobia nos espaços escolares. Também vale ressaltar que o GT 14 produz produções teóricas importantes para desestabilizar o padrão heteronormativo imposto pela nossa sociedade, uma vez que a sociologia da educação é capaz de romper com razões indolentes (SANTOS, 2006),

buscando uma materialidade crítica e reflexiva dos processos escolares e não-escolares como bem nos falou Souza (2004).

Tais trabalhos avançam dentro de uma perspectiva de denunciar o quanto a LGBTfobia dentro de cenário escolar é ainda um debate embrionário, uma vez que seus efeitos no cotidiano escolar gera silenciamentos, evasões e violências. Os textos encontrados procuram desestabilizar o cânone da heteronormatividade e seus efeitos regulatórios sobre os corpos dissidentes que habitam as escolas brasileiras.

De 2004 até 2017, o GT (23) Gênero, Sexualidade e Educação publicou 189 trabalhos, e tivemos um total de 60 produções científicas que abordaram a temática de diversidade sexual e LGBTfobia na escola, o que representa cerca de 31,74% das publicações científicas do GT. Com isso podemos destacar que os estudos e pesquisas centrados no GT 23, específico para as discussões sobre diversidade sexual e LGBTfobia entre outras teorizações são produções credíveis e forjadas como experiências cosmopolitas de compreensão do mundo e de estar no mundo como possibilidade de existência e liberdade.

**Tabela 3.** Trabalhos apresentados com o tema de Diversidade Sexual e LGBTfobia na escola no GE/GT 23 nas reuniões da ANPED (2004-2017).

Reunião da ANPED	27 <sup>a</sup> 2004	28 <sup>a</sup> 2005	29 <sup>a</sup> 2006	30 <sup>a</sup> 2007	31 <sup>a</sup> 2008	32 <sup>a</sup> 2009	33 <sup>a</sup> 2010	34 <sup>a</sup> 2011	35 <sup>a</sup> 2012	36 <sup>a</sup> 2013	37 <sup>a</sup> 2015	38 <sup>a</sup> 2017
Trabalhos apresentados	1	2	1	1	3	5	4	6	7	6	9	6
Pôsteres apresentados	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0
Trabalhos encomendados	0	0	1	0	1	0	NI*	0	NI*	1	1	NI*
Minicursos	NI*	0	0	0	0	1	0	0	NI*	0	0	1

Fonte: Site da ANPED: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

Quanto às produções dos 60 trabalhos encontrados nos GT (23), destaca-se trabalhos que são pesquisa de campo. Para Lage (2013): “Uma pesquisa de campo deve ser conduzida na perspectiva de construir com os sujeitos da pesquisa ou os sujeitos do campo, novas contribuições teóricas com base na realidade vivida, expressada e consentida pelos grupos” (LAGE, 2013, p. 56). Sendo assim, trabalhar uma metodologia de pesquisa de campo leva o investigador ao encontro com a realidade tal como ela é. E esse encontro gera profundas experiências, pois, não existe nada mais edificante na vida de um pesquisador do que confrontar teorias e práticas, discursos e linguagens, corpo e movimento, arrogância e humildade.

Quanto a abordagem teórica utilizada nas pesquisas, há uma menção a teóricos e suas vertentes epistemológicas, como estudos pós-estruturalistas amparados em Foucault e Deleuze, bem como estudos pós-co-

loniais/decoloniais, que aprofundam o sistema sexo/gênero/dissidentes, rompendo com os cânones científicos. As principais abordagens teóricas que se destacaram, sendo citadas entre linhas, foram os Estudos Pós-estruturalistas e Estudos Foucaultianos (Veiga-Neto (1999), César (2009), Sierra (2013), Teorizações Feministas (Adrienne Rich (1993), Gayle Rubin (1993), Monique Wittig (1993), Guacira Lopes Louro (1995, 1998), Teoria *Queer* (Butler (1993, 1999, 2003), Lauretis (1993), Spargo (2007) e Preciado (2002, 2008, 2009, 2010, 2011), e os estudos de Diferença e Identidade (BAUMAN, 2001); (MOREIRA & CANDAU, 2003), Enfrentamento da LGBTfobia (MOTT, 2003, TREVISAN, 2005) e as teorias de Gênero (LOURO, 1999, BRITZMAN, 1996, SCOTT, 1999).

Já os tipos de estudo, estavam bem articulados em sua proposta teórica-metodológica, foi possível localizar os procedimentos de entrevistas, aplicação de questionários, observação participante, estudos de caso, estudos bibliográficos e documentais, histórias de vida e história oral. Comuns em trabalhos que trazem a abordagem qualitativa de pesquisa.

## Conclusão

É em busca dessa constelação de conhecimento de uma educação voltada para a diversidade sexual e no enfrentamento da LGBTfobia nos espaços escolares que nosso projeto de pesquisa aponta e torna visível aqueles e aquelas que sofrem, que negam e que falam sobre suas experiências, tornando-as presentes. O debate do enfrentamento da LGBTfobia é essencial, não só pelo viés da educação e da sociedade, como também através de produções científicas que usem de suas produções para romper com o silêncio do preconceito e da discriminação que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais enfrentam cotidianamente, apontando caminhos e alternativas outras.

As pesquisas conhecidas como Estado da Arte e/ou Revisão de Literatura aparecem para contribuir nas pesquisas acadêmicas no levantamento de dados qualitativos e quantitativos, principalmente no campo da educação, pois possibilita ao pesquisador uma amostragem de dados teóricos e empíricos de uma determinada temática, mas também faz com que nós, pesquisadores, tenhamos outros contextos e outras curiosidades científicas numa determinada temática.

Diante de toda uma construção epistemológica, a pesquisa qualitativa se consolida na contemporaneidade como uma ruptura credível de existência e desestabiliza os entraves dos adeptos do método positivista de conheci-

mento científico. Ao passo que a pesquisa qualitativa rompe com os paradigmas positivistas, se vê emergida em acusações de não seguir padrões de rigor científico, típico das ciências naturais, com padrões já consolidados de objetividade, neutralidade, rigor e controle científico. Diante de tais acusações, a pesquisa qualitativa apresenta tanto rigor como qualquer outra área de análise e interpretação do fenômeno social.

## Referências

ANPED. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/Reunioes-Cientificas/Nacional>. Acesso em: 15/07/2017.

BRAGA, Denise da Silva. (2004) **A educação sexual no cotidiano da escola: entre a visibilidade das formas reais de manifestação das sexualidades e a conformação à heterossexualidade**. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/Gt14/T145.Pdf>. Acesso em: 15/06/2017.

BRENNER, Ana Karina (2012). **Repercussões da Experiência Militante em outras Esferas da Vida: Jovens engajados em partidos políticos**. Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/Images/Stories/Trabalhos/Gt03%20trabalhos/Gt03-2416\\_Int.Pdf](http://35reuniao.anped.org.br/Images/Stories/Trabalhos/Gt03%20trabalhos/Gt03-2416_Int.Pdf) Acesso em: 15/06/2017.

CAVALEIRO, M. Cristina (2006). **A Escola em movimento: Feminilidades homossexuais, identidades, pertencimento e exclusão**. Disponível em: [Http://29reuniao.anped.org.br/Trabalhos/Trabalho/Gt03-2589--Int.Pdf](http://29reuniao.anped.org.br/Trabalhos/Trabalho/Gt03-2589--Int.Pdf). Acesso em: 15/06/2017.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. *As Novas Práticas de Governo na Escola: O Corpo e a sexualidade entre o centro e as margens*. BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGANETO, Alfredo (Org.). **Foucault Filosofia e Política**: Editora Autêntica, 2013.

FERRARI, Anderson (2004) **“Você não sabe ainda como eu vim para o mgm?” Educação e construção de identidades homossexuais: Adolescentes no movimento gay**. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/Gt03/T032.Pdf>. Acesso em: 15/06/2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. v. 1: A vontade de saber. Tradução de: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.

GROPPO, Luís Antonio. (2017). **Ação coletiva e formação política: Os coletivos juvenis e a ocupação de uma universidade no sul de minas gerais**. Disponível em: [Http://38reuniao.Anped.Org.Br/Sites/Default/Files/Resources/Programacao/Trabalho\\_38anped\\_2017\\_Gt03\\_77.Pdf](Http://38reuniao.Anped.Org.Br/Sites/Default/Files/Resources/Programacao/Trabalho_38anped_2017_Gt03_77.Pdf). Acesso em: 15/06/2017.

JULIO, Josimeire Meneses, VAZ, Arnaldo. (2009) **Perspectivas de investigação da sala de aula a partir de uma teoria social de gênero**. Disponível em: <http://32reuniao.Anped.Org.Br/Arquivos/Trabalhos/Gt14-5734--Int.Pdf>. Acesso em: 15/06/2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre, Editora Ufmg, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz (2010). **Juventude: Entre a indisciplina e a zoação – Ufmg**. Disponível em: <Http://33reuniao.Anped.Org.Br/33encontro/App/Webroot/Files/File/Trabalhos%20em%20pdf/Gt03-6467--Int.Pdf>. 2010. Acesso em 15/06/2017.

PEREIRA, Fábio Hoffmann. (2015) **Configuração do ofício de aluno: Meninos e meninas na escola**. Disponível em: <http://37reuniao.Anped.Org.Br/Wp-Content/Uploads/2015/02/Trabalho-Gt14-3976.Pdf>. Acesso em: 15/06/2017.

RIBEIRO, Cláudia Maria; FILHA, Constantina Xavier. **Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do Gt 23**. Disponível em: [Http://36reuniao.Anped.Org.Br/Pdfs\\_Trabalhos\\_Encomendados/Gt23\\_Trabencomendado\\_Cludiaribeiro.Pdf](Http://36reuniao.Anped.Org.Br/Pdfs_Trabalhos_Encomendados/Gt23_Trabencomendado_Cludiaribeiro.Pdf). Acesso em: 20/07/2017.

RIBEIRO, Cláudia Maria; FILHA, Constantina Xavier. **Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do Gt 23**. Disponível em: [Http://36reuniao.Anped.Org.Br/Pdfs\\_Trabalhos\\_Encomendados/Gt23\\_Trabencomendado\\_Cludiaribeiro.Pdf](Http://36reuniao.Anped.Org.Br/Pdfs_Trabalhos_Encomendados/Gt23_Trabencomendado_Cludiaribeiro.Pdf). Acesso em: 20/07/2017.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo. **As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica**. Tese De Doutorado – (Educação) Universidade Federal De Pernambuco, Ufpe. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação: ?? que ?? a educação na sociedade e/ou a sociedade na educação**. Edições bagaço, janeiro de 2004.